

# INVOCAÇÕES

MARCO ALEXANDRE

DA

COSTA ROSÁRIO

## POESIA

EDITORA OGMIOS

(SEACULUM OBSCURUM)

BLITZBUCH

1991

“A poesia deve ser

feita por todos”

(Isidore Lucien Ducasse-Lautréamont)

“Amigos,

sondem o labirinto”

(James Douglas Morrison)

“Senhoras!

Levantem as saias.

Vamos atravessar o inferno!”

(William Carlos Williams)

Para Regina Lúcia.

o anjo despertou ao amanhecer

e estendeu as mãos para o sol,

sua voz celestial ecoou pelos salões

do tempo infinito,

numa linguagem qualquer...

lembrou-se ele daqueles que o feriram

como num filme antigo, de imagens gastas,

o coração negro e cheio de ódio,

a razão iluminada e cheia de amor.

o livro nos mostra recordações inúteis,

versos esquecidos em uma câmara funerária,

dentro do cérebro torcido de um cão,

corredores apodrecidos

onde lhe será erguido um monumento.

você tem medo de alguma coisa?

não é preciso...

apenas olhe através desta manhã

e observe as criptas e as rosas

no cemitério do amor,

cada rosto que se foi,

cada imagem que nos seduziu,

até virarmos pó...

alguma palavra?

imagens que ainda queira reter?

desertos humanos que ainda queira percorrer?

Ooh! Infelizmente o filme acabou...

atravessando o crânio

apodrecido

de uma besta humana,

cambaleamos calados & sujos

de bar em bar,

até afundarmos no oceano de asfalto,

sob as luzes dos faróis

dos automóveis,

iluminados por fogos-fátuos;

a realidade que esculpimos seria um sonho que,

quando adormecidos & bêbados,

daria lugar à realidade invisível

de uma cópula selvagem

filhos brotando nas calçadas,

filhas vadias, banidas de casa,

morando em santuários noturnos, sem divindade;

o medo no esgoto cerebral

& forasteiros roncando o motor nas fronteiras.

Ela surgiu de um

beijo na noite

& emergiu para rir até os confins do amanhecer.

disse ela à mãe:

- teu mundo não vive em minha carne.

disse ela à mãe:

- tuas algemas não servem para mim.

disse ela à mãe:

- tua escola incendiei.

& então acusaram meu amigo de adultério

por ter ele queimado um beijo na boca da mulher-serpente

& ela, filha de uma cadeia de má sorte, sorriu

& todas as mulheres contra uma,

quando se sabe que a mulher do presidente

ama atrás de Kepes & Lokes...

tudo por uma iniciativa sexual privada & libertária,

& após a festa de casamento

ela agiu para destruir & não para construir

l e e nos atormenta ainda c s e

á l m este pesadelo cósmico a o s

g a no verão e b p

r s celestial m r í

i m e e r

m o u nesta cidade a i

a r não há rumo s n t

s r l nem referências o o

e e e s s

c u i s s

h t & só os ratos t o i

o o encontram exílio r s n



e e para além e b p

m n dos portões m r í

t e r

o a i

s n t

n o s nem o vento o o

e a nem o sangue e s s

m n nem a voz s s

g t o c

u r s e

e e l

l e

n a v nada se move a s

e o nada se move s t

m z nada se move i

a

i

s

e d n as horas fragmentam-se o o s

o a no esquecimento ã

p s d dos séculos l s o



n v n nesta cidade i v s

e e e vimos a exuberância n e ã

m n m de muitas mulheres v r o

t e ã

o o o num beijo sem r o o

significado n s

s n v & empoeirado o

a e o m

n m z pelas estações... e

g pelas estações s

u a pelas estações... m

e o

s

n s m sempre o inverno o o s

a e o & depois ã

d v o verão c s o

a e a a

em algum ponto d n o

s s s solar á t s

e e e nesta cidade v u

m m m e á m

p p p descuidas o cadáver r r e

r r r abandonando-o em teu i s

e e e santuário de expiações & o m

o

s

n s m sobre os muros o a s

a e o de palha e sobre ã

d v as pontes m p o

a e u o



a procura de um sangue qualquer,

derramado em nossos sonhos,

para provar tua exuberância...

olhos paralisados em fontes estagnadas.

& a poeira sobre as estações...

ela suspirou nas áridas referências

esperando a oitava hora.

todos os fins correm para as referências de um único fim

e o teu fim em todos os fins não está...

o teu fim repousa em algum encontro desordenado.

cada poente é uma espera para um retorno possível

& estando ali, ou do outro lado deste lugar,

não há existência que habite

onde as portas estão fechadas & as casas em declínio

servindo de exílio para o rato e para a sacerdotisa

num muro de palha erguido para o vento.

a morte é e sempre será prisioneira da inconstância da vida.

porém, só a morte da vida construirá um novo caminho para

além do infinito, para além dos portões desta cidade.

manhãs em fragmento, horas em ordem feitas para a desordem...

aurora estilhaçada em pontos de ônibus

por aqueles que limitam o jardim para nada criar.

& assim fizeram aqueles que ontem aguardavam a próxima viagem

& agora germinam escassez nos cemitérios,

copulando com quantos pelas ruas caminhassem,

até que uma nova onda de afrodisíacos os levassem às sepulturas

ou a um novo altar de revistas pornográficas

onde uma janela nos mostra um campo apodrecido.

procuro a flor, a voz não mais existe nas horas do relógio

a voz está mutilada pela confusão do silêncio

& as horas do relógio estagnadas para sempre

o vento, a dama e uma antiga dança,

ainda que a música não possa mais ser ouvida

neste quarto de insanos.

ali, no campo descolorido, onde me disseram viver a sabedoria,

fiz um exílio e oculto meus significados.

ali, tudo converge para um fim único.

fomos para os vales

deixando a cidade para trás.

adormecidos, vimos

o girar das constelações

desejando

o

significado

do

tempo

e o entendimento do silêncio

fomos para

os vales

deixando a cidade para trás

há em mim o homem e o lobo

há em mim o são e o insano

há em mim homem e mulher

há em mim velho e criança

fomos para os vales

deixando a cidade para trás.

adormecidos, vimos

o girar das constelações

desejando

o

significado

do

tempo

e o entendimento do silêncio...

as visões do silêncio.

vai até à beira do

rio

e

ouve o silêncio

ele é teu único

amigo

o silêncio

o silêncio

o silêncio

o silêncio

o silêncio

o silêncio

teu... único... amigo...

o silêncio...

o silêncio... o silêncio... o silêncio...

o silêncio

a cada novo escândalo,

ele regressava à casa

como se viesse de uma grande batalha,

sempre amparado e conduzido por estranhos espectros

do passado,

solitários espíritos, irmãos invisíveis,

e o caos que criava,

todas as noites ficava para trás

em seus pensamentos,

e na manhã seguinte

regressava à vida

em meio a névoa,

e diante de um sol imaculadamente doido

olhava os retalhos de sua vida.

Os homens-cães andavam em suas motos

através da planície.

Mulheres-tristeza os acompanhavam,

mudas e quietas,

a cada parada, para fazerem

um saque, ou estuprar alguma serpente.

Entre eles havia um, o mais sábio e mais belo,

seus cabelos dourados o vento acariciava.

Ele teve uma estranha visão:

a morte que nos desperta para a própria morte,

em um universo repleto de estrelas negras.

O homem-cão olhava para o sol e para a lua e imaginava

como roubar seu bando da morte,

antes que o dilúvio tivesse seu novo ciclo,

e um novo pesadelo espalhasse suas sementes outra vez.

Guitarras são ouvidas e esquecidas

Dançam aleijados, loucos e leprosos,

a espera de novos discos:

a tribo tem aí seu mais belo ritual.

Suaves são os sons

que o músico, ressuscitando embrionárias lembranças,

tece.

Criador de artificiais paraísos.

A morte afoga nossos sonhos

no vasto oceano da inconsciência.

Silencia o amor e cala as paixões,

encobre de esquecimento as carícias, o romance,

esfria-nos com um único e último beijo.

Sem ninguém a seu lado, vaga ela pela rodovia...

lágrimas enegrecidas pela poeira são derramadas

sobre o corpo de seu amante.

Ela quer nos propor alívio de vida,

ou a viagem para outros palácios de sonhadores,

que não podem mais ser lembrados.

Foge desta cidade, humilde habitante.

Leva contigo tua mulher e teus filhos,

pois, o anjo aproxima-se dos jardins e dos portões.

Pela rodovia...estupro, casas incendiadas,

saques, morte, loucura,

homens enlouquecidos,

viagem profunda, dentro do pesadelo sem fim.

você recordará meu rosto

quando eu não estiver mais aqui?

você poderá me ouvir rindo

entre as estrelas?

de que cor

eram meus cabelos?

meu riso,

que som tinha?

era profundo

o meu olhar?

você lembrará de mim daqui a milhares de anos,

numa distância que minha alma não lhe pode descrever?

Acorda do sonho da morte!!!

nossos corações batem por muito pouco tempo..

assemelhamo-nos aos vermes, somos frágeis...

toquemos os tambores e flautas e violas...

despertaremos os cemitérios no fundo do oceano.

congreguemo-nos na areia estrelar deste universo,

exijamos o amor enquanto estamos vivos.

multidões de olhos

famintos por vida,

grandes espíritos

reacenderão a vida para a vida novamente,

as escolas estão apodrecidas,

nos ensinam mentiras.

semearmos flores, então,

e edificaremos novos jardins

precisamos curar nossas feridas

precisamos apagar o ódio

precisamos de amor, límpido amor

incendiaremos motéis,

libertaremos frágeis almas ingênuas

abriremos as portas e as janelas do céu vazio

e mostraremos o sol à prostituta

precisamos de liberdade

precisamos beber o doce vinho

precisamos de nós mesmos apenas

Dançaremos na noite

no interior da floresta, não muito longe do mar,

em volta do fogo...

celebremos constelações & significados

não muito longe do mar

não muito longe do mar

não muito longe do mar

n m l d m

ã u o o a

o i n r

t g

o e

n

ã

o m

u

i

t

o l

o

n

g

e d

o

m

a

r

“Outrora, quando o mundo foi povoado pela primeira vez, não se viam rios, pois estavam fechados em uma caverna...Os acessos dessa caverna estavam bloqueados por um enorme rochedo. Não só os rios mas também os seus habitantes estavam fechados, como o salmão. Primeiro foi o corvo que conseguiu vencer essa barreira. Depois o rio Bella-Coola ficou livre.”

“O velho Homem-Coiote construiu um barco. Começou a chover de tal maneira que as montanhas ficaram submersas. O coiole viu dois patos e pediu que mergulhassem, procurassem terra e a trouxessem. Um deles desapareceu sob as águas, mas o outro conseguiu trazer no bico um pouco de lama, a qual o coiole espalhou a sua volta e se tornou a terra. Traçou nela rios, modelou montanhas. Dessa lama fez nascer bisontes e cães, e todos os animais, inclusive o homem. Da mesma lama fez para si uma esposa. O coiole instituiu também ritos, entre os quais o de uma dança por cada inimigo morto.”

as chaves do jardim foram perdidas...

do cemitério, canções são ouvidas, suplicantes...

este mundo de dinheiro apodreceu,

ainda que tenha o poder de comprar e vender ilusões,

alívio em lojas, mulheres e risos...

este reino está no fim.

ignorantes aberrações em motéis

são flageladas, mas nunca o delírio do amor

vive em tais santuários

há fome nas ruas, há sangue nos presídios

homens-porcos acendem seus cigarros

& almoçam suas mulheres-abutres numa orgia de interesses

esqueceram a gente humilde,

habitantes sonâmbulos nas margens da rodovia...

esqueceram o amor

que os regenerava...

esqueceram a aventura

de viver...

ridicularizaram e destruíram

os antigos sonhos...

não tenho lembranças de minha mãe

um quarto com livros e música

e uma mulher que pode ser amada

parece-me um mundo bem melhor

minha verdadeira família vive

do outro lado deste rio

exuberância e forma,

vertente de palavras encantadas,

libertário de ódio e indiferença

no empoeirado ridículo dos dias.

dédalo pálido e ocasional,

respirando calmamente na cloaca.

testemunha de suas próprias encenações,

no pavilhão luminoso dos espíritos.

o belo ébrio.

amigo íntimo dos espantalhos crucificados, doentios,

vestidos de ambições acadêmicas,

embrutecidos e famintos por sentidos e percepções.

criança de mil imagens, num olhar de mil anos,

cansada e devastada,

cabelos longos e dourados,

ordenando a confusão...

a anciã imóvel,

repleta de vida.

numa manhã se viu paralítico...

o antigo caminhar esquecido, ao qual nenhum valor deram,

ainda que procurado,

jamais alcançado.

anônimo,

foi exposto à multidão,

assassinando o que vira antes

em sua mente envelhecida...

não lembrou que o tempo retira as máscaras dos enganos.

artífice do rei nos palácios musicais,

letrado e anacrônico, fez a mentira transformar-se

em verdade,

veio do pó, e num impulso de grandeza

virou resto humano

um observador,

contemplando a memória apagada transfigurar-se

em novidade

e a enrugada profecia cumprir-se em risos e lágrimas

sobre a massa bestial de osso e carne,

de passagem pelas ruas, estacionadas em praças,

ainda ignorantes e ainda imobilizadas,

esmolando a existência em motéis e em igrejas.

tal qual a serpente,

sem respostas, mas com determinação,

rodeou a alma de algumas mulheres,

dizendo-lhes como o amor

encontra-se além de todo entendimento e circunstância.

O Criador nos deu o chão para caminhar,

e por várias vias

percorrer toda a extensão e entender o que está

para além de nossas orações;

infinitas salas de sonhos e pesadelos

profundos oceanos e céus irrespiráveis,

rituais e celebrações ao luar

em florestas obscuras,

cópulas cristalizantes convertidas em lodo,

sóbrios petrificados,

delírios e murmúrios nas ruínas,

o rio perpétuo

explodindo sem nunca destruir.

o óbvio, o aniquilamento, a repetição contínua,

indefesa, submissa.

o despertar hibernando os desejos...

os espelhos, os corredores de imagens sucessivas,

a ânsia nunca interrompida ao redor do nada,

vomitando dor e fuga,

e inconstância de fala.

o bobo, o ingênuo, o louco,

o poeta, o filósofo, o artista

e por fim advogado

sem mais nem menos

caiu e morreu!

os que choravam cercaram a sepultura,

e deixaram suas inscrições na lápide,

ainda que cuspiendo no pobre espantalho.

e do cemitério todos se foram,

e o santuário do silêncio fez-se presente

há serenidade no silêncio, tudo pode ser pressentido de muito longe

e a sepultura virou útero,

homem sábio,

nascendo novamente,

as cinzas deixadas ao vento,

a antiga pele queimando ao sol.

ele tudo arruma,

suas lembranças, sua vivência,

sem vestígios e sem recordações,

e vestido com roupas de linho,

os cabelos cortados

outra personalidade atravessa sua contínua essência.

limpou as botas no cemitério,

e partiu,

caminhando para a cidade.

